



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A ESCRITORA AMÉLIA RODRIGUES ATRAVÉS DAS PÁGINAS DE
*MESTRA E MÃE***

Caroline Santos Silva*

O livro *Mestra e mãe*, considerado por algumas pesquisadoras como autobiográfico, traz a grande preocupação de Amélia Rodrigues com a instrução feminina. Demonstra o quanto essa instrução mudou sua vida e lhe fez cultivar valores morais e religiosos, que perpassam toda sua obra. Utilizando algumas estratégias, Amélia Rodrigues esboça em seus escritos como se tornou mulher, escritora e mestra. Parte dos seus textos reflete um pouco de uma escrita de si, onde algumas de suas memórias ficcionalizadas justificam as escolhas, que constituíram sua subjetividade e sua escrita voltada especialmente para as moças:

Escrevi este livro, queridas meninas, para auxiliar vossos Pais e vossos mestres na doce tarefa de fazer-vos amar a virtude e a instrução.¹

O livro foi publicado em 1898, sendo utilizado como um manual de educação cívica e moral, um guia para a formação de futuras mestras (ALVES, 1998). A análise do romance de Amélia Rodrigues revela uma preocupação com o ensino dirigido às crianças no contexto específico da Bahia republicana, principalmente no que concerne à formação das meninas. Além de problematizar a instrução oferecida às mulheres naquela época, a

* Doutoranda do programa de pós-graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Bolsista CAPES. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lize Brancher.

¹ Trecho retirado do livro *Mestra e mãe*. O livro ganha medalha de ouro na Exposição Internacional Brasileira de 1908, e é indicado para a disciplina de Educação Moral e Cívica nas escolas de Salvador.

escritora também esteve bastante preocupada com a educação oferecida aos pobres, o que a diferenciou de alguns literatos que escreveram para a formação de uma elite urbana.

Amélia Augusta Rodrigues do Sacramento nasceu em 26 de maio de 1861, na Freguesia de Oliveiras dos Campinhos, Município de Santo Amaro, cidade do interior da Bahia. Iniciou seus estudos com um familiar, o cônego Alexandrino do Prado Valadares e, posteriormente, os professores Antônio de Araújo Gomes de Sá e Manuel Rodrigues Martins assumiram sua instrução. Com eles, aprofundou o estudo da língua vernácula e da matemática, dos clássicos e do latim, além das línguas estrangeiras inclusive o alemão. (ALVES, 1998).

Após passar pelo ensino formal obtendo os requisitos necessários para o exercício do magistério, Amélia Rodrigues, aos 18 anos, foi aprovada em primeiro lugar em um concurso para professora primária na cidade de Santo Amaro. Neste mesmo período, já dava provas do seu talento literário, escrevendo poemas para alguns periódicos santamarenses. Sendo que em 1882, ela escreve um folhetim *O mameluco*, em 1896 *A promessa* e em 1898 *Mestra e mãe*.

Em 1891, Amélia Rodrigues muda-se para Salvador, onde é admitida através de outro concurso. Além de lecionar, ela se dedica ao jornalismo, aproveitando as oportunidades oferecidas pela capital. Para tanto, passou a colaborar com a Igreja Católica intensificando a produção de textos de caráter militante e religioso. Também escreveu para diferentes periódicos da Bahia e do Brasil, destacando-se sua atuação na criação da primeira revista feminina da Bahia *A Paladina* (1910), e posteriormente, em 1913 ajudou a lançar *A voz da Liga das senhoras católicas*.

No primeiro número de *A paladina* em janeiro de 1910, a escritora deixou claro quais eram as diretrizes seguidas pelo periódico, refletindo sobre os lugares nos quais as mulheres poderiam atuar. Dessa maneira constrói um discurso para legitimar e justificar a atuação feminina nas páginas dos jornais e revistas baianos.

Não é muito portanto que nós outras trabalhadoras da paz, acostumadas às lides do lar, da escola e da pena, peçamos um lugarzinho modesto à imprensa de nossa terra, - campo atual de combate, para esgrimir a seu lado, embora companheiras fraquíssimas, pelo nosso ideal tão bonito, pela defesa moral, - força diretriz da verdadeira grandeza dos povos. (RODRIGUES, 1910: 6)

Algumas pesquisadoras apontam que a escritora utilizou-se de determinadas estratégias para a divulgação de suas obras, e uma delas seria colocar-se com humildade, afastando assim a ideia de uma concorrência com os homens. Amélia Rodrigues na maioria de seus textos demonstra-se despreziosa, alegando a simples missão de transmitir valores morais às mulheres e às crianças. Tendo a única intenção de incentivar a instrução dos futuros cidadãos e cidadãs. Portanto, essa poderia ser uma tática para permanecer ativa, já que não aparentava um perigo à família e aos valores cristãos do período. No entanto o seu discurso e prática contradiziam os padrões sociais vigentes, pois ela defendia a possibilidade de mulheres ocuparem outros espaços, e nesse sentido suas ações se aproximavam, em parte, do feminismo que dava seus primeiros passos no período. Mas essa posição ela justifica da seguinte maneira:

Não levantamos a bandeira do feminismo-sufragista, nem advogamos os pseudo-direitos da mulher moderna, que pretende estultamente invadir o terreno da ação masculina, deixando a erva crescer no seu.

Se feministas somos é no bom sentido, no sentido cristão, como tantas senhoras o tem sido no decorrer dos séculos e o são agora em alguns países europeus e americanos. (ibidem)

A escritora define-se como feminista, embora ressalte as peculiaridades que a diferenciam das feministas “no mau sentido”. Se por um lado ela defendeu certos direitos femininos, como o acesso a instrução, por outro lado, se posicionou contra um movimento que afastaria filhas e esposas de suas obrigações morais com a família e com a pátria. Amélia Rodrigues, a exemplo de muitas militantes do período, temia a masculinização das mulheres e perda de valores caros à Igreja Católica. Segundo a historiadora Márcia Barreiros (2005), a consciência da escritora sobre os direitos da mulher foi marcada por uma rígida ética religiosa. “A militância na Igreja e a participação no grupo de senhoras católicas em Salvador influenciaram a pauta de suas reivindicações.” (BARREIROS, 2005:248)

Em busca de novas oportunidades, e a convite do padre Sinzing, Amélia Rodrigues muda-se para Niterói-RJ, e lá trabalha como editora, tradutora, coautora de hinos religiosos e textos de orientação pedagógico-cristã. Ela colaborou com a obra de Sinzing (1923), uma espécie de manual sobre os romances que deveriam ser lidos para a instrução das moças. O livro tem uma extensa relação de autores, que são descritos em seus pontos positivos e negativos, sendo julgados a partir da ótica dos valores da época.

Alguns foram classificados com leituras perniciosas, portanto os pais deveriam tomar cuidado e vigiar suas filhas para que não tivessem contato com tais obras.

A trajetória da baiana Amélia Rodrigues foi marcada pela luta em defesa da educação feminina. E sua parceria com a Igreja Católica influenciou os caminhos e estilos por ela adotados. A pesquisadora Ivya Alves afirma que a medida que a escritora relacionou-se com a religião, diminuiu a produção em verso, deixando também a narrativa longa para dedica-se à crônica e ao conto, textos que seriam mais fáceis de serem digeridos pelos leitores (ALVES, 1998). Ao mesmo tempo, há o aumento da produção de peças teatrais de cunho pedagógico, voltadas principalmente para as crianças. Muitas dessas peças foram encenadas em alguns colégios da cidade de Salvador.²

AMÉLIA RODRIGUES: MESTRA E MÃE

À margem do Rio São Francisco, no sertão da Bahia, estava localizada a Fazenda do Ingá-Assú. Propriedade herdada pelo padre Martins logo após a morte de seu pai. Neste lugar onde tudo que se plantava dava frutos, o sacerdote ergue uma pequena capela e reafirma os compromissos com a comunidade ao redor da fazenda. Os que passavam por ali afirmavam: “Que colônia, a dele! Moralizada, feliz, trabalhadora, dócil... um modelo de colônia! Parece que ressuscitou naquele homem um dos santos jesuítas domadores de selvagens. É o Anchieta moderno, a caridade em forma humana!” (RODRIGUES, 1929: 14)

Amélia Rodrigues inicia o Livro *Mestre e mãe* falando do sertão da Bahia, lugar onde a Igreja Católica continuava exercendo seu papel “colonizador”. Para autora, isso indicava que aquele povoado estaria em boas mãos, já que a moral religiosa poderia se perpetuar. Assim, trazendo como pano de fundo a constituição de uma religiosidade dentro da região, inicia um romance voltado para moças, futuras mestres e mães. O que nos parece é que Amélia Rodrigues faz uma releitura de sua trajetória, contando um pouco

² Entre as principais obras de Amélia Rodrigues estão *Filenila* (poesia, 1883), *Bem-me-querer* (poesia, 1906), *Do meu arquivo* (Contos, 1913), *A promessa* (romance, 1896), *Mestra e mãe* (romance, 1898), *Fausta* (teatro, 1886), *A madrasta* (teatro, 1917), *Teatro infantil* (1922) e *Progresso feminino* (teatro, 1924). Além disso, ela colaborou com diversas revistas, a exemplo de *A paladina*, *A voz*, *Brasil Ilustrado*, *Luz de Maria*, *Revista Amiga do Lar*, *Revista Excelsior*, *Revista Fon-Fon* e *Vozes de Petrópolis*.

sobre lugares, costumes e pessoas que habitavam o sertão baiano que ela conheceu tão bem.

Essa “narrativa de si” demarca não somente a possibilidade de uma autobiografia através de um texto ficcional, mas também o fazer-se escritora e feminista em um espaço predominantemente masculino. É preciso lembrar que durante muito tempo, a escrita feminina foi considerada “como uma literatura menor, sem valor, sem qualidades geralmente atribuídas à escrita masculina”, classificada apenas como uma ficção doméstica. (RAMOS, 2008: 156). Contudo, a crítica literária e os estudos sobre História das mulheres e da leitura trouxeram novas perspectivas sobre essas produções. Assim, tais obras também se constituem lugares de memórias, tornando-se uma fonte valiosa de compreensão do cotidiano e das subjetividades em determinados contextos. Amélia Rodrigues traz a mulher dentro do seu lugar de costume, a casa, contudo consegue levá-la até o espaço público e, dessa maneira, lhe atribui outros papéis.

Mestre e mãe tem como tema principal a criação de uma escola feminina no povoado rural de Ingá-Assú, lugar que a escritora deveria conhecer bem, já que nasceu e cresceu no interior da Bahia, onde as dificuldades para a educação das mulheres eram bem maiores. Nesse sentido, o envolvimento com a Igreja foi bastante importante, posto que seus primeiros estudos foram iniciados com um padre, o que justifica sua defesa por uma instrução vinculada à palavra de Deus.

A autora inicia sua narrativa reafirmando a preocupação que havia com a educação masculina. Naquele tempo, para atuar na vida pública do povoado, os meninos precisavam ler, escrever e fazer contas. Entretanto, além de ironizar essa preocupação ela também faz uma crítica aos métodos de ensino utilizados pelo professor Barbosa.

Da escola para os rapazes havia-se encarregado um velhote, feiarrão, sempre de óculos escarranchados no nariz e palmatória ao lado, que não fazia graças para ninguém rir. Quando ele fincava o queixo no peito e olhava por cima dos óculos, já se sabia: a trovoada ia desabar. (1929:15)

Ao que parece Amélia Rodrigues não concorda com as velhas práticas do sistema de ensino que vigorava em todo o país, principalmente no que concerne ao uso da palmatória para a disciplinarização dos corpos das crianças. O uso desses métodos foi descrito por muitos escritores de meados do século XIX e início do XX. Machado de Assis, Raul Pompéia e Viriato Correia produziram algumas representações que faziam referência a esse caráter repressor das escolas primárias. (MAZZARI, 1997)

No romance, o ideal de ensino é apresentado através da professora da escola para meninas do Ingá-Assú. A Senhora Mercês era uma personagem doce, que desejava ser chamada de avó por suas alunas, afirmando-lhes que só seriam castigadas se não fossem boazinhas. Mas as meninas, que antes estavam tensas diante da mestra, logo se tranquilizaram diante de tanto amor e benevolência.

A senhora Mercês é uma dos personagens centrais do livro. Ela apareceu no vilarejo como uma mendiga, morrendo de fome e sede. Acolhida pela filha do Senhor Botelho, Euphrosina, recebeu todos os cuidados, e logo revelou sua história. Era uma senhora de muitas posses que emigrou do Ceará devido a um longo período de seca. Por ter tido uma boa instrução, Dona Mercês se ofereceu para ajudar as meninas do povoado que careciam de educação. O padre Martins e Sr. Botelho aceitaram sua ajuda e iniciaram a construção da escola.

O interessante é que Amélia Rodrigues esboça ao longo do livro, trechos nos quais deseja transmitir alguns “conceitos” para suas leitoras. Portanto o texto é cheio de parênteses, nos quais ela explicita algumas de suas ideias. Nesse momento da trama, por exemplo, destacam-se os debates sobre a definição do que seria uma boa educação para as meninas. Assim, o padre Martins expos sua opinião se colocando contra ao que chamou de educação moderna:

(...) Sou inimigo dos maus colégios e das moças embonecadas. Quero a mulher dona de casa, modesta, trabalhadora. A mulher forte, que leio na Escritura. É ir contra o progresso? Paciência. Mas creio que tirar a mulher desta posição que Deus e a natureza lhe marcaram não é progredir, é retrogradar. E estou nisto com todos os homens sensatos do século. Aprecio as belezas da educação moderna e detesto seus defeitos. Fazer da companheira do homem um manequim de salão é atrofiá-la, torcer o seu destino, mudar o seu papel, preparar o descalabro da família. (RODRIGUES, 1929: 36)

A crítica que ela, neste trecho, se refere principalmente a uma proposta de instrução que produziria nas mulheres sentimentos fúteis, a exemplo da vaidade, e que, portanto, as afastaria de sua verdadeira vocação. Para Amélia Rodrigues era preciso que houvesse uma educação feminina, contudo essa instrução deveria formar cidadãs que estavam conscientes de seus papéis de mãe e dona-de-casa. Educar para que melhor se exercesse as funções domésticas, para disciplinar e moralizar os hábitos femininos. Ao longo do romance, a escritora reafirma essas posições, e continuamente desenrola

situações e eventos nos quais envolve os personagens reforçando valores, como cultivo da humildade, da fé e do patriotismo.

E todas essas características estavam reunidas em Euphrosina. A menina, que no início da narrativa tinha entre doze e treze anos, compõe juntamente com D. Mercês o modelo que deveria ser seguido pelas outras crianças. A garota era exemplo de bondade e cuidado para com todos, era delicada e afetuosa, uma flor do sertão como assim a denominara a autora. Segundo Amélia Rodrigues a beleza de Euphrosina estava no seu jeito de ser, no seu caráter; não era uma beleza vulgar, mas algo natural que emanava da menina.

Os seus olhos grandes, claros, extremamente meigos, pareciam espelhar o céu puríssimo de sua alma. Os lábios riam pouco, sem andar contraídos, e davam-lhe atestado contínuo do caráter doce e pacífico. (...) Vigorosa, alta para a sua idade, sem denguiques de maneiras nem delicadeza afetada, via-se que ela não era o produto doentio da educação anti-higiênica das cidades, onde as meninas pálidas, magras, parecem figurinhas de cera que o menor sopro derruba. (Idem, p.70).

Através de Euphrosina, Amélia constrói a representação de um ideal de infância, em especial, de uma infância feminina. Neste romance também marca-se o período de transição da infância para a idade adulta quando a garota encontra um pretendente para casar-se. Assim, Euphrosina, moça de boa índole, que recebeu os ensinamentos de sua mestra de coração aberto, tornou-se uma mulher com todas as qualidades para amar o lar e sua pátria. Ao que tudo indica, o local onde a menina cresceu, longe de toda agitação urbana, influenciou para que bons sentimentos frutificassem em seu coração. Essas são as principais referências que Amélia Rodrigues faz à moça, talvez um recado a suas leitoras; espelhem-se em Euphrosina, e não nas moças “espartilhadas” das grandes cidades.

Outras crianças fazem parte do enredo, e muitas outras temáticas surgem no romance. O que justifica pensar no papel da autora na constituição e consolidação da Literatura infantil na Bahia. *Mestra e mãe*, livro escrito para meninas, possibilita uma reflexão sobre as representações da infância produzidas por esse livro. Em uma primeira análise, Amélia Rodrigues não se distancia de uma produção nacional, pois escreve pautando-se em valores cívico-morais, incluindo a temática do patriotismo. Entretanto, esboça em muitos momentos uma preocupação com a infância desvalida, meninos e meninas que dificilmente tinham oportunidades de instruir-se.

Mestra e mãe sintetiza assim parte das concepções de Amélia Rodrigues. Pode-se dizer que ela acreditava que toda mestra deveria se comportar como mãe de seus alunos, ensinando-lhes com compaixão e paciência, não deixando de ser severa quando preciso. Por outro lado, toda mãe deveria ser instruída para que também se comportassem como mestra de suas filhas e filhos. Assim, ao final do romance, Amélia Rodrigues convoca suas leitoras para que, se possível, criem escolas como a de Ingá-Assú, para que possam difundir a instrução e levar os valores religiosos a quem precisasse, fazendo isso em favor da reorganização moral da pátria. (RODRIGUES, 1929: 344).

Amélia Rodrigues foi uma das primeiras mulheres do período a se profissionalizar como escritora, inclusive teve certo rendimento com a venda de seus textos. Ela não chegou a se casar, e como vinha de uma família humilde, teve que trabalhar desde cedo. Assim, apoiando-se nos laços que manteve com a Igreja Católica, pode se instruir e desenvolver seu talento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ívia (org.). **Amélia Rodrigues: Itinerários percorridos**. Salvador:, NICSA/Bureau, 1998.

ARIÉS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2 ed.. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1981.

BRITO, Lemos. **Oração às crianças**. Salvador: Livraria Catilina, 1913.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Mulheres e creanças: Notas sobre educação**. Porto: Editores Joaquim Antunes Leitão & Irmão, 1880.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

_____. **A Ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII**. Brasília: Editora Unb, 1994.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**. Campinas: Unicamp, 11(5), 1991, p.173-191.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEL PRIORE, Mary (org.) **História da criança no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1996. (coleção Caminhos da História).

EL FAR, A. **Páginas de sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil, sua História**. São Paulo: EDUSP, 1985.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, Márcia Maria da S. Barreiros. **Entre a tinta e o papel: Memórias de leituras e escritas femininas na Bahia. (1870-1920)**. Salvador: Quarteto, 2005. p. 131.

MAGALDI, A. M. B. M. ; CUNHA, M. T. S. Lições para mães e famílias: um estudo sobre manuais educativos na sociedade brasileira entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. In: Ana Waleska Pollo C. Mendonça. (Org.). **História e educação: dialogando com as fontes**. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2010, v. 01, p. 145-178.

MAZZARI, Marcus Vinícius. Representações literárias da escola. in: **Revista Estudos Avançados/Portal Scielo Brasil**. São Paulo; vol. 11; n.º 31; Set./Dec. 1997

PASSOS, Elizete. **Amélia Rodrigues (1861-1926)**. EDUFBA: Salvador, 2005.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. In: **Revista Catarinense de História**. Ed. Terceiro Milênio (2): 35-44, 1994.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Narrativas de si: lugares da memória. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 4 - n. 2 - 155-165 - jul./dez. 2008.

RODRIGUES, Amélia. Surge, qui dormis. **A Paladina**. Bahia: Imprensa Nova, nº 1, p. 3-6, jan. 1910.

_____. **Mestra e mãe: Educação cívica e moral**. Bahia: Typ. Salesiana, 1929.

SINZIG, Pedro. **Através dos romances: guia para as consciências**. Niterói: Vozes, 1923.